

“Minha gente”: o peão e o enxadrista

“Minha gente”: the cowboy and the chess player

Márcia Schild Kieling

Faculdades Integradas de Taquara – Taquara – Rio Grande do Sul – Brasil



Resumo: Estudo do narrador autodiegético do conto “Minha Gente”, de Guimarães Rosa que faz parte do volume intitulado *Sagarana*. O narrador, que não é identificado, assume perspectiva exterior ao que o cerca, descrevendo as paisagens e os acontecimentos com algum distanciamento e admiração. Daí resulta o descompasso entre a sua percepção e a de José, vaqueiro que o acompanha da estação à casa do tio.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; “Minha gente”; *Sagarana*

Abstract: Study of the autodiegetic narrator of the short story “Minha gente” by Guimarães Rosa, text that is part of the volume entitled *Sagarana*. The narrator, who is not identified, takes an outside perspective to his surroundings, describing the sights and events with some perspective and admiration. As a result, we have the gap between their perception and Joseph, cowboy accompanying the station to the house of his uncle.

Keywords: Guimarães Rosa; “Minha gente”; *Sagarana*

Integrante do volume de contos intitulado *Sagarana*, da autoria de Guimarães Rosa, “Minha Gente” apresenta um narrador autodiegético, que relata sua viagem à fazenda de um tio, Emílio, localizada no Saco-do-Sumidouro, onde decide, a princípio, passar alguns dias. Não informa, em momento algum, seu nome, ocupação, filiação, nem se a visita ao tio ocorre durante um período de férias. O que garante, no início da narrativa, é que, embora possuísse certa familiaridade com a vida no campo – sabia, por exemplo, que “não valia à pena pedir nem querer tomar beijos às primas”, bem como que, “quando um cavalo começa a parecer mais comprido, é que o arreo está saindo para trás, com o respectivo cavaleiro”¹ – reconhece que ainda tinha muito a aprender.

Em função disso, assume perspectiva exterior ao que o cerca, descrevendo as paisagens e os acontecimentos com algum distanciamento e admiração. Daí resulta o descompasso entre a sua percepção e a de José, vaqueiro que o acompanha da estação à casa do tio: incitado pelo amigo Santana, indaga do acompanhante sobre a beleza dos gaviões, ao que este responde “Se o senhor doutor

está achando alguma boniteza nesses pássaros, eu cá é que não vou dizer que eles são feios... Mas, p’ra mim, seu doutor não leve a mal, p’ra mim coisa que não presta não pode ter nenhuma beleza...” (p. 326). Se, nesse ponto, a visão do peão parece limitada, submetida ao caráter prático da vida que leva, mais adiante, ocorre o oposto: observando as pegadas de um boi, José conclui que o animal se desgarrara da boiada, pois garante que “boi viajado gasta quina do casco (...). É diferente do pisado das reses descansadas que tem por aqui...” (p. 328). O narrador, diante das palavras do empregado, afirma não conseguir dissociar coisa alguma nas pegadas.

A visão de mundo do narrador choca-se, novamente, com a do vaqueiro, quando, ao avistarem um grupo de urubus em movimento, algo que chama a atenção do visitante, o primeiro diz apenas tratar-se da carniça de algum bicho do mato. O segundo, descontente com o prosaísmo do comentário, profere: “Melhor um pássaro voando do que dois na mão!... Eis a versão do provérbio para uso dos fortes, dos capazes de ideal...” (p. 328). Como resposta, ouve: “É a versão dos otários também” (ibidem). Mais uma vez, evidencia-se o caráter prático e simples da percepção de José em contraposição à do narrador, em que emerge a preocupação com a estética.

¹ ROSA, João Guimarães. *Minha gente*. In: *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. v. 1. As demais citações serão indicadas no corpo do texto, apenas com o número da página.

Outro elemento estranho ao vaqueiro consiste no jogo de xadrez com o qual o sobrinho de Emílio e o amigo se entretêm no início da cavalgada: José pensa, ingenuamente, que o tabuleiro fosse uma caderneta por meio da qual Santana estaria ensinando o narrador a ler, o que provoca o riso dos dois amigos. E é justamente esse jogo que servirá de metáfora para as relações humanas descritas no conto, especialmente em duas esferas: a política e a amorosa, a que se fará referência mais adiante.

Cumprir registrar, ainda, a menção à *Odisseia*, de Homero, nas falas do narrador e de Santana, a revistas francesas especializadas em xadrez, bem como a Budha e a figuras da mitologia europeia, que aparecem quando o narrador, ao contemplar um dia de chuva, afirma: “Meu espírito fumaceou, por ares de minha só posse” (p. 341). Trata-se de elementos que revelam conhecimento advindo do mundo letrado e urbano, ao qual os vaqueiros não têm acesso e que contrastam com algumas cantigas populares presentes na narrativa. Por meio de tais marcas, torna-se clara a visão “de fora” que o narrador procura assumir em relação ao meio por ele representado. Ao descrever Maria Irmã, por exemplo, a prima por quem se apaixona, o enunciador não a compara com nenhuma flor, animal ou fenômeno da natureza, mas afirma que o perfil da jovem é semelhante ao *romano*, que seu corpo é triangular como o de uma princesinha *egípcia*, que seus olhos são

grandes, pretíssimos, de fenda ampla e um tanto oblíqua, eletromagnéticos, rasgados quase mente até as têmporas, um infinitesimalzinho irregulares; lindos! Tão lindos que só podem ser os tais olhos Ásia-na-América de uma pernambucana – pelo menos de uma filha de pernambucanos, quando nada de meia ascendência chegada do Recife (p. 333).

Em virtude de tal descrição, é possível perceber que “ao procurar na prima uma criatura semelhante às personagens de narrativas fabulosas, o narrador parece recusar-se a enxergá-la de maneira concreta e contextualizada, optando por idealizá-la segundo os padrões de suas leituras ficcionais”². Além disso, cumpre salientar a semelhança entre os olhos de Maria Irma e os da enigmática personagem Capitu, de *Dom Casmurro*, que “traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca”³. Dessa forma, verifica-se que o narrador de “Minha gente” difere daquele que figura em “O burrinho pedrês”, texto que abre *Sagarana*. Este, além de ser heterodiegético, mostra-se ligado à paisagem que descreve e compartilha da visão de mundo das personagens que apresenta, revelando-se, como elas,

“mais livre da nociva introspecção e com a mente “menos sobrecarregada de noções ou conceitos”⁴. Um enunciador que, portanto, busca na simplicidade da atmosfera que o cerca a matéria para as comparações e metáforas que emprega, postura diversa daquela sustentada pelo narrador de “Minha gente”.

Quanto ao xadrez, é preciso considerar as habilidades que o jogo exige: paciência, perseverança, atenção, raciocínio lógico, saber o momento certo de recuar ou atacar, e procurar, na medida do possível, antecipar a jogada do adversário. Tais qualidades são apresentadas por Emílio, que, para a surpresa do narrador, envolvera-se com a política. O espanto se deve pelo fato de que o sobrinho lembrava-se do tio “mole para tudo, desajeitado, como um corujão caído de oco do pau em dia claro, ou um tatupeba passeando em terreiro de cimento” (p. 331). O enunciador, a pretexto de corroborar tal afirmação, cita o episódio da venda de um novilho, em que o tio levava quase um mês para fechar negócio com o comprador, já que nenhum dos dois admitia seu verdadeiro intento, “iam e vinham, na conversa mole, com intervalos de silêncio tabaqueado e diversões estratégicas por temas mui outros” (p. 332).

Embora invoque tal lembrança para demonstrar a diferença no comportamento do tio, o narrador acaba contradizendo a si mesmo, pois comprova o talento de Emílio para o jogo da política, em que as características de um bom jogador de xadrez podem render bons frutos. A mesma postura é assumida pelo tio quando o sobrinho decide visitar a filha de seu adversário político. Diz, insistentemente, que está desanimado com os rumos de seu partido, o João-de-barro. O narrador transmite tal informação ao oponente de seu anfitrião, que, por sua vez, garante estar confiante na vitória do Periquito. Ao saber disso, Emílio alegre-se, dirigindo ao sobrinho as seguintes palavras:

Fez muito bem, isto mesmo é que sapo queria! Eles agora vão pensar que é verdade, e vão amolecer um pouco... Estou desanimado, qual nada!... Mas você costurou certo. E agora é que tudo está mesmo bom, pois se o Juca Futrica contou prosa é porque as coisas para ele estão ruins... Você me rendeu um serviço, meu sobrinho (p. 351).

Diante de tal revelação, o enunciador mostra-se surpreso por sua “inocente ida ao Juca Soares” (p. 351)

² OLIVEIRA, Silvana Maria Pessôa de. O poder do lugar e a força do mundo ou “Minha gente”. In: DUARTE, Lélia Parreira; ALVES, Maria Theresa Abelha (orgs.). *Outras margens: estudo da obra de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Autêntica; PUC Minas, 2001. p.269.

³ ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. v. 1. p. 763.

⁴ ROSENFELD, Kathryn. João Guimarães Rosa: o contista de *Sagarana*. *Brasil/Brazil*. Porto Alegre, n. 15, p. 9-42, ano 9, 1996. p. 20.

ter sido explorada em favor das manobras políticas do tio. Assim, é possível perceber que o narrador fora usado como peão no jogo político de Emílio, que assume posição vantajosa na "partida". Tal estratégia também prevalece quando o tio resolve adiar a punição ao assassino de um amigo do sobrinho para não perder mais um voto nas eleições, o que deixa o narrador bastante contrariado e o faz exclamar: "Pororoca! Será que ninguém aqui pensa como eu?!" (p. 340).

Na esfera amorosa, também o sobrinho de Emílio depara com uma espécie de partida de xadrez: Maria Irma, prima por quem o narrador se apaixona, usa de estratégias para conseguir o que quer: o casamento do primo com a amiga Armanda, noiva de Ramiro, rapaz que a visita e por quem parece se interessar, embora, quando interpelada pelo primo, nada confirme. Maria Irmã avança e recua, ora se mostrando solícita com o primo, ora repelindo suas declarações amorosas e insistindo em aproximá-lo de Armanda. Em face de tal situação, o narrador igualmente decide lançar mão de estratégias. Primeiramente, deduz que melhor seria mostrar-se "caído, enamorado. Ceder terreno para depois recuperá-lo" (p. 347). Acredita tratar-se de "boa tática", o que seu amigo Santana classificaria como "gambito⁵ do peão da Dama". Assim, em conversa com a jovem, diz precisar da presença dela. A moça muda de assunto imediatamente, o que faz o narrador concluir que Maria Irma despreza sua submissão e, portanto, sua tática falhara. Depois disso, ao observar a forma como moleque Nicanor, um pretinho de apenas 8 anos, consegue, ludibriando os cavalos, conquistar a confiança de um dos animais, decide que precisa se valorizar. Nesse ponto, o narrador se contradiz outra vez, pois a tática que o pretinho utiliza é a mesma que falhara anteriormente com Maria Irma. O narrador informa à jovem que pretende visitar Alda, filha do já referido adversário político do tio, e pergunta à prima se a moça é encantadora, ao que Maria Irma responde afirmativamente, embora assegure que o primo gostaria mais de Armanda. Ele se ofende e insinua o interesse da jovem por Ramiro. Ela volta a elogiar a amiga, o que faz com que o narrador peça para que deixem de conversa tola. Maria Irma assente, deseja-lhe um bom passeio e se retira. O primo volta a lembrar Santana, que classificaria a partida como empatada, por xeque perpétuo.

Após declarar seu amor mais uma vez a Maria Irma, que o repele e volta a insistir no encontro com Armanda, o narrador parte para a casa de outro tio, nas Três Barras. Passado algum tempo, recebe dois recados: um de Emílio (ou de Maria Irma?) à maquina, informando acerca da vitória nas eleições e pedindo para que o sobrinho vol-

tasse. O outro de Santana, demonstrando que, com certas manobras, vencera o jogo interrompido tempos atrás.

Após ler o bilhete de Santana, o narrador resolve voltar ao Saco-do-Sumidouro, para mostrar a Maria Irma que não sentia mais nada por ela, isto é, que vencera a partida (ou a abandonara?). Todavia, ao chegar à casa do tio, encontra a prima com Armanda. Ao ficar a sós com a moça, garante sempre ter gostado dela, mesmo antes de saber da sua existência. Armanda, por sua vez, diz que é com ele que se casará e lhe pede um beijo. Depois de tal cena, o narrador encerra a narrativa com as seguintes palavras: "E foi assim que fiquei noivo de Armanda, com quem me casei, no mês de maio, ainda antes do matrimônio da minha prima Maria Irma com o moço Ramiro Gouveia, dos Gouveias da fazenda da Brejaúba, no Todo-Fim-É-Bom" (p. 356). Portanto, o narrador, com o propósito de provar à prima que superara seus sentimentos por ela, acaba submetendo-se à vontade da moça, concedendo-lhe a vitória na "partida", corroborando o pensamento que Maria Irma certa vez expressara de que o primo "faz tudo como devia fazer" (p. 337).

Em virtude do exposto anteriormente, é possível perceber que o narrador, enquanto personagem, não apresenta as características necessárias a um bom jogador de xadrez: paciência, perseverança, saber a hora de avançar e recuar, antecipar a jogada do adversário. Tais habilidades são desenvolvidas por tio Emílio e Maria Irma, que utilizam o visitante como peça nos seus jogos, o político e o amoroso. Sem perceber, acaba fazendo as jogadas que mais interessam aos dois, já que, ao contrário deles, age sem deliberar, quase que por impulso, algo imperdoável para um bom jogador. Daí a afirmação inicial de que, ao chegar à fazenda do tio, ainda tinha muito que aprender.

Por outro lado, o narrador, na condição de emissor do discurso, parece já ter aprendido a lição, pois se comporta de maneira bastante diversa em relação ao seu interlocutor: utiliza as estratégias do tio, uma vez que diz o oposto do que mostra, em uma aparente contradição que parece ter o objetivo de desafiar o leitor, fazendo com que ele aprenda a desconfiar de seu discurso, antecipando as "jogadas" subsequentes. Nesse ponto, assemelha-se aos ditos narradores "não confiáveis" de Machado de Assis, que estão sempre a esperar e a provocar uma jogada mal conduzida do interlocutor, exigindo sua participação e atenção no "jogo" da enunciação.

Cumprir registrar ainda que a metáfora do jogo de xadrez marca presença no romance machadiano *Esau e Jacó*, precisamente no capítulo XIII, intitulado *A epígrafe*, em que o narrador se coloca na posição de enxadrista, delega às personagens a função de trebelhos e diz ao leitor que poderia se valer, como nas publicações do jogo, de um diagrama das posições "belas ou difíceis", mas rejeita

⁵ Gambito: lance no jogo de xadrez em que se sacrifica uma pedra para obter vantagem de posição.

tal possibilidade, afirmando crer que o interlocutor possui “visão bastante para reproduzir na memória as situações diversas”.⁶ Essa parece ser, igualmente, a postura do narrador de “Minha Gente”, que, assumindo a condição de enxadrista, proporciona ao leitor a observação do jogo entre as personagens e o desafia a tomar parte nos lances do discurso narrativo.

Referências

ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. v. 1.

ASSIS, Machado de. Esaú e Jacó. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. v. 1.

OLIVEIRA, Silvana Maria Pessôa de. O poder do lugar e a força do mundo ou “Minha gente”. In: DUARTE, Lélia Parreira; ALVES, Maria Theresa Abelha (Orgs.). *Outras margens: estudo da obra de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Autêntica; PUC Minas, 2001. p. 267-274.

ROSA, João Guimarães. Minha gente. In: *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. v. 1. p. 321-356.

ROSENFELD, Kathryn. João Guimarães Rosa: o contista de Sagarana. *Brasil/Brazil*. Porto Alegre, n. 15, p. 9-42, ano 9, 1996.

Recebido: 15 de dezembro de 2011

Aprovado: 04 de março de 2012

Contato: mabelmsk@gmail.com

⁶ ASSIS, Machado de. Esaú e Jacó. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. v.1. p.894.